A velhice como espetáculo

Aline Terumi Bomura Maciel^{1*} e Regina Taam²

¹Curso de Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. ²Departamento de Teoria e Prática da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil.
**Autor para correspondência. E-mail: terumi.maciel@gmail.com*

RESUMO. Este texto é parte da pesquisa “Manifestações afetivas do idoso hospitalizado”, desenvolvida em uma perspectiva multidisciplinar. O trabalho tem como objetivo trazer alguns elementos de reflexão para pensar a questão da velhice a partir da concepção de curso de vida e da Teoria da Atividade, apoiando-se, especialmente, nos textos de Anita Néri e nas obras por ela organizadas. A partir de um olhar, que se distancia do senso comum, sobre cenários e fatos do cotidiano, analisando notícias veiculadas pela imprensa, chamamos a atenção para a ideologização do discurso sobre a velhice e para o confronto necessário entre os resultados das pesquisas sobre o tema e os conceitos assimilados de forma acrítica pela sociedade.

Palavras-chave: psicologia do envelhecimento, velhice, espetáculo.

ABSTRACT. The old age as a spectacle. This article is part of the research "Affective manifestations of the hospitalized elderly", developed from a multidisciplinary perspective. The work has the objective to bring up some reflection elements, to consider the question of the old age, from the life course conception and the Theory of Activity, supporting itself, especially, in the texts of Anita Néri and in the works organized by her. From a view that is distant from the common sense, about daily scenes and facts, analyzing press news, we call the attention to the ideologization of the speech on old age and the necessary confrontation between the results of the research on the subject and the uncritical concepts assimilated by society.

Key words: psychology of aging, oldness, spectacle.

Introdução

O envelhecimento populacional é um fato reconhecido por estatísticos, economistas e profissionais de diferentes áreas. A abordagem multidisciplinar parece, segundo Motta (2005), a mais adequada para estudar as questões relativas ao envelhecimento, tendo em vista sua complexidade. O autor afirma ainda que “o modo como o indivíduo vive e as relações que estabelece, determina, junto com outros fatores, a forma como se desenvolve o processo de envelhecimento” (Motta, 2005, p. 10).

Analisando reportagens e anúncios divulgados pela mídia, percebemos qual o papel dado ao idoso atualmente: por ser considerado como experiente, porém improdutivo, resta a ele ocupar-se com atividades de pouca importância, que servem apenas como passatempo. É o caso de muitos idosos que participam de encontros semanais para bate-papo e concursos de culinária, ou fazem artesanato para se distrair, dançam e jogam cartas. Esse fato está ilustrado no filme “Garotas do calendário” (dirigido por Nigel Cole), no qual há um grupo de senhoras,

de idades variadas (porém, todas idosas), que fazem parte do “Women's Institute”, uma associação nacional que reúne senhoras em atividades diversas. Esse grupo de mulheres representa perfeitamente o estereótipo das idosas de classe média: aposentadas, donas-de-casa, que participam de concursos de bolos e de atividades como jardinagem, tricô e fabricação de geléias.

A velhice no tempo

A concepção que se tem atualmente sobre o idoso foi construída historicamente. Estudos do final do século XIX e início do século XX, inicialmente baseados em uma lógica darwiniana, fortemente aceita na época e muito utilizada nos trabalhos sobre a criança, negavam a possibilidade de desenvolvimento durante a velhice. Para Darwin, nesse estágio (velhice) não havia evolução, esta ocorrera na infância e adolescência, mas apenas estagnação e retrocesso. Essa tese é defendida na Teoria do Desenvolvimento de Henri Wallon (1879 - 1962) ao se referir às “deteriorações senis da pessoa e da inteligência” (Wallon, 1980, p. 71), que podem,

na melhor das hipóteses, ser reduzidas quando o indivíduo tem um desenvolvimento ótimo em etapas anteriores. Teorias à parte, a velhice não sorriu para Wallon, nem ele sorriu para ela: “Devia-se poder eliminar a velhice para que se chegasse ao fim, dissolver-se, sem ter que suportar a enfermidade. E há o desaparecimento de todos que lhe serão próximos, o que é uma coisa dura para um homem que envelhece” (*apud Zazzo, 1997, p. 165*). Aos 74 anos, Wallon perdera sua esposa e colaboradora, Germaine; aos 75, sofreu um acidente automobilístico que o deixou quase totalmente paralisado. Entretanto, e isto é importante para as teses que defendemos aqui, aquele que foi um dos maiores psicólogos franceses trabalhou até três dias antes de morrer, aos 81 anos.

Apesar de diversos novos estudos contrários às teorias do início do séc. XX, elas deixaram suas marcas no pensamento coletivo. A sociedade olha seus idosos de forma preconceituosa, acreditando e fazendo-os acreditar que de fato são improdutivos e inúteis. Temos evidências de que, com o passar dos anos, o vigor, a força física e a rapidez dos reflexos decaem. Além disso, pessoas em uma idade avançada possuem uma probabilidade maior de ficarem doentes e levam mais tempo para se recuperar. Mesmo sendo um dado de realidade, isto não é necessariamente sinônimo de incapacidade, significando apenas uma possível queda em seu rendimento, em determinadas esferas de ação.

Durante a segunda guerra mundial, as forças armadas americanas, através de estudos realizados na época, postulavam que existia um ponto máximo no desenvolvimento da inteligência e que esta declinaria juntamente com o envelhecimento. Chegaram a essa conclusã, porque em seus testes com militares perceberam que os indivíduos apresentavam um desempenho tanto pior quanto maior fosse a idade (Neri, 1995). Diversas outras pesquisas como essas fortaleceram o preconceito em relação ao idoso, não somente social, mas também científico.

A velhice no curso da vida

O desenvolvimento intrínseco de cada um, que determina fortemente o desenvolvimento e o envelhecimento humano, é constituído por aspectos biológicos, sociais, físicos e psicológicos, próprios de cada indivíduo em particular, que caracterizam sua dinâmica de vida. Tomamos como base de nossa análise o conceito de curso de vida, que seria a maneira “[...] como a sociedade atribui significados sociais e pessoais à passagem do tempo biográfico, permitindo a construção social de personalidades e trajetórias de vida [...]” (Neri, 1995, p. 30). Os

acontecimentos únicos na vida de cada pessoa são também carregados de significados próprios e, conseqüentemente, formam *perfis vitais diferenciados*. Assim, não somente os acontecimentos na infância, mas também na vida adulta e na velhice geram mudanças no desenvolvimento. George Snyders, um clássico da educação, publicou recentemente (abril de 2005), aos 88 anos, seu último livro. Sabemos, também, que Norbert Elias, importante nome das Ciências Sociais, falecido em 1990, aos 93 anos, escreveu muitos livros após os 80 anos.

Durante o processo do chamado envelhecimento cognitivo, vemos uma modificação na utilização de dois ‘tipos’ de inteligência: a cristalizada-pragmática e a fluida-mecânica (Neri, 1995). A inteligência fluida está essencialmente relacionada com determinantes biológicos. Assim, com o envelhecimento, ocorre um considerável declínio, uma vez que biologicamente se está menos capacitado, apresentando prejuízos no processamento básico de informações. Já a inteligência cristalizada está essencialmente relacionada com fatores socioculturais, ligada com a especialização cognitiva em campos específicos de atuação, como, por exemplo, a sabedoria. Com o processo de envelhecimento, a inteligência cristalizada se aperfeiçoa, e pessoas idosas adquirem um conhecimento profundo e de grande interesse e contribuição para o restante da população. Mas o que geralmente acontece, por preconceito e ignorância, é que a experiência e o conhecimento dessas pessoas acabam se perdendo, ao serem, com elas, descartados, empobrecendo a sociedade.

Muitas vezes ouvimos, na fala do senso comum, que “quanto mais velho, maior a sabedoria”; que a sabedoria aumenta com a idade, entre outros ditos populares. No senso comum, sabedoria é o bom julgamento e aconselhamento sobre assuntos de vida, importantes, mas incertos. Porém tais afirmações não estão presentes apenas no senso comum: estudos psicológicos e sociológicos também revelam essa questão. Stanley Hall (1844-1924) foi um dos primeiros cientistas a referir-se à relação entre idade e sabedoria, antecipando pesquisas que seriam realizadas apenas nos anos 1980. Entendemos que a sabedoria é “[...] uma forma de conhecimento avançado, típico da vida adulta [...]” (Neri, 1995, p. 42) e, acrescentamos, da velhice. No entanto essa idéia, da sabedoria relacionada com a velhice, não é recente. Na Idade Média, sabedoria era a totalidade harmônica das sete artes liberais. Julgava-se que a aquisição do conhecimento de todas essas artes levaria a vida toda, e seria privilégio de alguns. Transportando tal idéia para a atualidade, podemos

definir a sabedoria, em uma linguagem científica, como “[...] um sistema de conhecimento especializado num domínio selecionado, a pragmática fundamental da vida [...]”, levando a “[...] *insights* excepcionais sobre o desenvolvimento humano e os assuntos da vida, julgamento excepcionalmente bom, aconselhamento e comentários sobre problemas difíceis da vida [...]” (Neri, 1995, p. 51). A pragmática fundamental da vida é formada pelo conhecimento de assuntos importantes da vida, sua interpretação e manejo.

Em um segundo momento, podemos também apontar o que a sociedade oferece para preencher o tempo desses idosos ‘improdutivos’: passando-se por praças ou parques em uma cidade, muito provavelmente encontraremos mesinhas preparadas para jogar xadrez, dominó, damas ou baralho. E com uma probabilidade ainda maior, encontraremos idosos utilizando esse espaço. Também vemos diversas casas de bingo e clubes dançantes para a chamada terceira idade. Descansar e aproveitar a vida são direitos de todos os trabalhadores! Em 1880, Paul Lafargue, genro de Marx, proclama esse princípio na obra “O direito à preguiça”.¹ Entretanto, por um outro ponto de vista, essa iniciativa apenas fortalece a idéia, para os idosos, de que eles não possuem mais nada a oferecer, e que não fazem mais parte da população, ficando isolados em locais específicos. Esses velhos, que freqüentam as praças, representam um segmento da sociedade que não se inclui nem entre os miseráveis, que nunca se aposentam e trabalham até morrer, nem entre os ricos, que freqüentam espaços destinados às elites. Esse fato reforçaria, em um primeiro momento, a teoria do desengajamento, formulada por Cumming e Henry (1961), em seu livro “Growing old: The process of disengagement”. Segundo essa teoria, o processo de desengajamento é “resultante de uma diminuição da interação entre o indivíduo e os outros membros do sistema social no qual ele vive [...]. Caracteriza-se por uma volta a si mesmo e por uma mudança do equilíbrio adquirido na vida adulta” (Cumming e Henry, 1961 apud Santos, 1990, p. 7). O sistema social, para manter-se equilibrado, “força o indivíduo a se desengajar. Por outro lado, o sujeito que internalizou as normas desse sistema social pode tomar a iniciativa do desengajamento. [...] O sucesso que era valor central dá lugar à afetividade” (Cumming e Henry, 1961 apud Santos, 1990, p. 7).

Segundo Maria de Fátima de Souza Santos,

¹ Como lembra Hardman, na introdução da obra “O direito à preguiça”, 3ª edição, não se deve confundir a “preguiça” a que se refere Lafargue com a “indolência parasitária da burguesia” (p. 18).

professora do Departamento de Psicologia da UFPE, essa teoria sofreu muitas críticas, entre elas a de que os fenômenos apontados não são nem universais, nem inevitáveis. Pesquisa realizada nos Estados Unidos, em 1980, indica que o fator biológico e o fator psicossocial têm papel importante na forma como o indivíduo envelhece. Os recursos materiais e intelectuais acumulados durante a vida afetam o comportamento do idoso. Não podemos asseverar que isso é feito de maneira a desqualificar propositalmente essas pessoas: a sociedade apenas não sabe o que fazer com elas, e o que esperar delas. Aumentou a expectativa de vida, mas não foi pensado o que poderia ser feito para aproveitar a experiência e a capacidade dos idosos e, sobretudo, permitir-lhes viver com dignidade os anos da velhice.

A preocupação e a prioridade do capital é aumentar sempre o lucro, com seu “apetite enorme”, como ponderou Paulo Freire (1997, p. 44) referindo-se ao neoliberalismo. Torna-se um entulho a ser removido tudo o que impeça ou dificulte os objetivos do mercado. A maioria dos idosos vive de aposentadorias, e como para grande parte da população, o dinheiro que recebem é suficiente apenas para as necessidades básicas. Em reportagem do programa Jornal Hoje, da Rede Globo, no dia 24 de janeiro de 2006, afirmou-se que 63% dos aposentados no Brasil recebem apenas um salário mínimo. Quando idosos ou qualquer outro grupo de pessoas se reúnem para reivindicar seus direitos, ou o sistema atende porque gerará lucros, reduzirá custos ou renderá votos (no caso dos políticos), ou, simplesmente, ignora.

“Garotas do Calendário”

Em outra parte do artigo, fizemos referência à teoria do desengajamento. A realidade parece não confirmá-la. As voluntárias que atuam em instituições filantrópicas, os idosos que continuam a produzir obras artísticas ou científicas (Niemeyer, ou Arvid Carlsson, de 77 anos, um dos ganhadores do prêmio Nobel de medicina de 2000), e os que participam de associações que defendem o direito do cidadão (como, por exemplo, a APSEF – associação nacional de aposentados e pensionistas dos serviços públicos federais), são exemplos de pessoas engajadas. Sartre foi um exemplo de intelectual que se manteve ativo e ‘engajado’ até os 75 anos, quando morreu. Segundo Crauston (1966, p. 109), “Sartre liga a interdependência da liberdade com o ‘engagement’ ou compromisso”. Essa palavra, para Sartre, significa que, quando o homem faz suas escolhas, expressa ou atribui valor ao que foi

escolhido e, ao fazê-lo, “é responsável perante a humanidade inteira pela valorização que fez”. Dessa forma, é engajado o homem, no exercício de sua liberdade, ao definir o que tem valor para ele, preferindo uma coisa a outra.

Muitos idosos desmentem as idéias preconceituosas e estereotipadas de grande parte da sociedade, mantendo-se ativos em seus empregos ou tomando atitudes inusitadas. No filme “Garotas do calendário”, senhoras idosas decidem agir de uma maneira surpreendente. Na história, o grupo confeccionava, anualmente, um calendário, utilizando fotos de paisagens de montanhas, arranjos florais, entre outros. Mas um grupo de 12 mulheres dessa associação, formada por voluntárias, cansadas das atividades desinteressantes propostas pela comunidade e motivadas pela necessidade de levantar fundos para a reforma da sala de espera de um hospital, decide fazer o calendário de maneira diferente: posando nuas, mas cobrindo as partes íntimas do corpo com materiais de atividade doméstica, ou que utilizavam para trabalhar. O calendário obtém uma excelente repercussão, sendo vendido inclusive em outros países, dando um lucro que ultrapassava a arrecadação necessária inicialmente, rendendo um contrato em Hollywood e uma lição para a comunidade, de que, com um pouco de vontade e iniciativa, nada é impossível. Todavia, é preciso voltar à realidade. Sabemos que mudar a maneira como as pessoas encaram um fato é muito mais complexo do que o apresentado.

O filme, contudo, tem para nós um interesse especial, menos pelo seu conteúdo do que pela forma como repercutiu no grupo de voluntárias brasileiras, também idosas, que colaboram em uma instituição que trata de câncer infantil. Elas resolveram fazer também um calendário, para o ano de 2006, no qual estão nuas, com arranjos de flores cobrindo parte do corpo. O objetivo é semelhante ao das personagens da ficção, como se lê na reportagem da Folha de São Paulo, de 25 de setembro de 2005. Podemos interpretar essa atitude como algo admirável, senhoras colocando-se em exposição para levantar recursos para o hospital. Não obstante, a análise do tema pode ir muito além disso. Pode-se alegar que existem diversas outras maneiras de arrecadar a mesma quantia (ou até mais), tais como venda de produtos alimentícios feitos por elas, rifas, sorteios, festas etc. Pode-se, também, considerar a hipótese de que foi uma forma de justificar, socialmente, um ato que satisfaz desejos narcisistas.

Já pontuamos anteriormente neste artigo a teoria do curso de vida: complementarmente, podemos aqui citar o controle do curso de vida (Neri, 1993).

Nosso curso de vida é caracterizado pelos acontecimentos únicos e particulares, carregados de significados próprios que, ao longo da vida, definem um perfil e permitem o desenvolvimento de cada um. Apesar de ser, muitas vezes, social e biologicamente determinado, podemos exercer controle sobre nosso curso de vida. A teoria aponta dois tipos de controle: controle primário e secundário. O controle do curso de vida primário é caracterizado pelas tentativas de alterar o ambiente, satisfazendo as necessidades e desejos individuais. Já o controle do curso de vida secundário consiste em deixar que o seu curso de vida seja controlado por outra pessoa, deixar-se levar. É, basicamente, a desistência de tentar controlar a própria vida. De um modo geral, observamos que os controles de vida primário e secundário ocorrem muitas vezes simultaneamente, entrelaçados. No entanto, podem ocorrer independentemente, como é o caso das senhoras que posaram para o calendário. Caracteriza-se como um controle do curso de vida primário a tomada de decisão de posarem nuas para arrecadarem fundos, ou também, como já assinalamos, para ganharem visibilidade, além de poderem satisfazer eventuais desejos narcisistas. Dentro de nosso padrão cultural, cultuamos o belo e o *jovem*. Não vemos da mesma maneira a exibição do corpo do idoso, sendo conveniente escondê-lo atrás de vestimentas. Para que essas senhoras pudessem fazer essa exibição de si, obtendo aprovação social, foi preciso justificá-la com uma boa intenção (que, enfatizamos, também existiu, mas consideramos que não foi o único motivo da ação). Elas suscitaram curiosidade e interesse pela audácia de expor algo que, geralmente, fica escondido, subvertendo expectativas.

Não é a primeira vez que idosos ilustram um calendário. Beauvoir (1990, p. 197), em ensaio sobre a velhice, conta-nos o seguinte: “é muito incerto o que a iconografia da Renascença nos informa sobre a idéia que nessa época se fazia da velhice. [...] Um calendário da época ilustra os meses com cenas da vida em família. Em novembro, o pai está velho e doente. Em dezembro, ele agoniza”. A inspiração para essa forma de representação, diz Beauvoir, é cristã. O que isto significa? O corpo do homem está destinado a fenecer e só a religião, a divindade, pode ajudá-lo a escapar do destino que a natureza lhe reserva.

Não teria o cristianismo inspirado, também, “as mulheres do calendário”? Se fizermos uma leitura a partir da lição de Tomás de Aquino (Boehner e Gilson, 1982), a análise do ato praticado, cuja estrutura compõe-se de intenção, conselho,

consentimento e eleição, talvez apresentasse problemas relativos à escolha dos meios. Não há, segundo o Doutor da Igreja, uma relação direta entre os meios e intenções; a eleição dos meios é sempre precedida de deliberação e julgamento. “É esta deliberação que tem o nome de conselho. A deliberação pode conduzir ao reconhecimento de muitos meios que podem conduzir ao fim estipulado”. (Gilson, 1983, p. 317). O homem deverá, então, eleger algum desses meios. A eleição não é apenas um ato intelectual, mas também um ato da vontade. Na escolha, portanto, interferem fatores cognitivos, afetivos e morais.

Retornando às intenções, tudo aponta o desejo de fazer caridade, angariando recursos para pessoas necessitadas. Se formos a Santo Agostinho, encontraremos que “a caridade consiste principalmente num peso interior que atrai a alma para Deus” (Boehner e Gilson, 1982, p. 189). E isto não é necessariamente, para Agostinho, dar esmolas ao pobre, pois “a caridade é o querer bem, a benevolência, e não a vontade de prestar benefícios” (idem, p. 190). Podemos, aqui, discordar do conceito cristão de caridade, ou, afirmando-o, não reconhecer esta virtude no ato das boas senhoras.

As “mulheres do calendário” puseram a si mesmas em espetáculo, deixando nas sombras as crianças doentes a quem prestam assistência. A reportagem da Folha de São Paulo (de 25/9/2005) destina pouco espaço à situação do hospital, cujo atendimento é 95% pelo SUS. É da nudez das senhoras de que se fala o tempo todo.

A resposta da idealizadora do projeto a uma pergunta da repórter oferece alguns elementos importantes para reflexão: “O objetivo não era explorar o corpo. Queríamos mostrar a alma, por dentro e por fora” (Paiva, 2005). Pedimos a Boehner e Gilson (1982) que nos ajudassem a entender esse discurso, trazendo a filosofia escolástica de Tomás de Aquino (1224-1274). Teria a alma um “dentro” e um “fora”? Pode-se “mostrar” a alma? Talvez o leitor indague o porquê de estarmos trazendo questões teológicas, metafísicas. Tentaremos responder mais adiante. Encontramos, nas lições de Tomás de Aquino, posta com todo rigor a unidade essencial entre corpo e alma, de tal forma que “os atos genuinamente humanos não pertençam apenas à alma, e sim ao homem, ou seja, ao composto” (p. 468). Ele qualifica a união entre corpo e alma de “substancial” (em oposição a “acidental”). Isto significa que não existe uma autonomia da alma, em relação ao corpo. Se levantamos as questões acima foi com o propósito de não deixarmos que a ideologia cristã (doutrina cristã) sirva de escudo para

as senhoras em seu nobre empenho de arrecadar fundos para o hospital, mesmo se rechaçamos ataques preconceituosos e não avalizamos as críticas de cunho moral. Não é desta forma, ideologizando o discurso, que venceremos o preconceito e a ignorância acerca da velhice.

A estrela e a lanterna: a diferença da qualidade de uma luz

Quando Oscar Niemeyer apareceu exposto nas folhas dos jornais O Globo (14/12/1997) e O Estado de São Paulo (4/10/2005), tendo, então, 90 e 97 anos, era sua obra o espetáculo; seu trabalho de artista/arquiteto atravessa os tempos e atrai sobre si os olhares do mundo. Niemeyer é um espetáculo porque sua obra é um espetáculo. Ele mesmo reconhece: “Não é só espaços e volumes: importante na arquitetura é o espetáculo” (Couri, 1997). A velhice do homem não o fez melhor, nem pior; não ficou mais interessante para a curiosidade pública porque é um velho que trabalha, porque não está babando ou dizendo bobagens. Nos jornais apresenta-se o artista, o intelectual, o homem engajado, crítico exaltado do capitalismo, que não mistifica a velhice, nem mesmo ao falar sobre a morte (Paiva, 2005). Cita Sartre e diz que estamos morrendo desde o dia do nosso nascimento, como um destino que se cumpre (“O ser humano não tem solução: nasce e morre como qualquer bicho”). Simples, direto, sem subterfúgios, sem estratégias de ocultação da realidade.

A “nudez crua da verdade”, como diria Eça de Queiroz, que nos chega através dos jornais, contrasta com a fala enviesada, ignorante de suas próprias determinações, das “mulheres do calendário”. A velhice foi posta em espetáculo: mulheres velhas e nuas, em matéria de divulgação, é uma novidade. Não é novidade a penúria dos hospitais que atendem à população mais pobre. Isto se vê todo dia, a toda hora, em qualquer lugar.

As luzes lançadas sobre a nudez desviam a atenção do leitor e não deixa que ele se faça uma pergunta fundamental: por que o Estado não é capaz de garantir o bom funcionamento do hospital e o atendimento de qualidade às crianças doentes, se isto é seu dever, como rege a Carta Magna? Por que o estado também não é capaz de proporcionar um envelhecimento de qualidade para a população? É de interesse do Estado tentar convencer as pessoas e, sobretudo, os idosos, que envelhecer bem, com dignidade e qualidade, depende apenas do indivíduo. Como não conseguem gerar e conceder os benefícios sociais a que os idosos têm direito de reivindicar, o Estado apela para uma ideologia da velhice, segundo a qual só depende de cada um ter

uma vida saudável e um envelhecimento com qualidade de vida.

A visão que a sociedade tem dos idosos é tão preconceituosa e sem respaldo científico que torna inadmissível aceitar uma necessidade (e vontade) de ser visto, ser percebido e ser desejado. Não é por ter atingido uma idade avançada que as pessoas renunciam ao prazer de serem admiradas; podem, isto sim, desistir de receber do outro um olhar positivo, especialmente no que se refere à aparência. Como ressaltou Oscar Wilde, “a vida imita a arte muito mais que a arte imita a vida”. Wilde, que pôs sua vida em espetáculo, ao virar filme e livro traduz a relação entre a existência concreta das pessoas e o universo simbólico em que estão mergulhadas, do qual extraem o sentido e o significado para suas vidas.

Bueno (2003, p. 27), citando Debord em sua obra “A sociedade do espetáculo”, faz a crítica do capitalismo avançado, em que “a imagem tornou-se a forma final do fetiche da mercadoria”. Essa idéia ajuda a compreender “As mulheres do calendário” e a repercussão que o fato obteve. O excelente texto de Bueno mostra, também, a necessidade de trazer à luz resultados de pesquisa que criem obstáculos às práticas mais ou menos veladas de violência contra o idoso, para que todo homem, independente da idade que tenha, possa exibir, como diria Freire, toda a sua boniteza e se sentir confortável entre os outros homens.

Referências

- BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOEHNER, P.; GILSON, E. *História da filosofia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1982.

- BUENO, A. A educação pela imagem e outras miragens. *Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 23-44, 2003.
- COURI, N. Niemeyer despeja seu pessimismo em Way. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1997. Segundo Caderno, p. 4.
- CRAUSTON, M. *Sartre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- CUMMING, E.; HENRY, W.C. *Growing old: the process of disengagement*. New York: Basic Books Publishing Co., 1961.
- FREIRE, P. Educação: preparação para o séc. XXI. *Caderno Pedagógico*. APP – Sindicato, Curitiba, p. 44-62, out. 1997.
- GILSON, E. *Le thomisme*, Paris: J. Vrin, 1983.
- LAFARGUE, P. *O direito à preguiça*. 3. ed. São Paulo: Kairós, 1983.
- MOTTA, L.B. *Treinamento interdisciplinar em saúde do idoso: um programa adaptado às especificidades do envelhecimento*. Rio de Janeiro: Unati/UERJ, 2005.
- NERI, A.L. *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papirus, 1993.
- NERI, A.L. *Psicologia do envelhecimento*. Campinas: Papirus, 1995.
- PAIVA, F.M. Idiotas de todo o mundo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 out. 2005. p. 8.
- SANTOS, M.F.S. *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU, 1990.
- WALLON, H. *Psicologia e educação da infância*. Traduzido por: Ana Rabaça. Lisboa: Estampa, 1980.
- ZAZZO, R. *Psychologie et marxisme*. La vie et oeuvre d’Henri Wallon. Paris: Édition Denöel/Gouthier, 1997.

Received on March 27, 2007.

Accepted on June 08, 2007.